



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

DADOS DO PARTICIPANTE

NOME: J. A. S

SEXO: () M (X) F

IDADE: 52 anos

COMUNIDADE: Volta do Angico – Canarana/BA

PROFISSÃO: Agricultora

TEMPO DE GRAVAÇÃO: 1h 02min e 28seg

TRANSCRIÇÃO GRAFEMÁTICA

DOC: Então, bom dia!

PART: Bom dia!

DOC: Tô aqui mais uma vez como monitor voluntário do Projeto EliSH, gravando algumas entrevistas...eh...do *corpus*, né, oral que a gente tá montando dos Estudos Linguísticos e Históricos do Sertão pela docente, né, professora e...professora mestre Dayane Moreira Lemos. Eh...nós estamos aqui com J.A.S., né, nós vamos fazer uma entrevista...eh...semidirigida, né, uma entrevista sociolinguística, ela vai tá respondendo pra gente algumas questões da comunidade né, no que for possível pra ela né, o que ela souber responder ela vai tá nos ajudando. Então, qual o seu nome?

PART: J.A.S.

DOC: Eh...e a senhora tem apelido aqui na comunidade?

PART: Tenho não.

DOC: Tem não?

PART: Tenho não.

DOC: Eh...Mas e os filhos chamam assim de mãe...mainha?

PART: De mãe.

DOC: De mãe, né. E a neta? A senhora tem uma neta, né?

PART: Me chama de mãe também.

DOC: Ah! Eh...há quanto tempo a senhora mora aqui na comunidade?

PART: Desde de quando eu nasci. {*informante ri*}

DOC: Desde de quando nasceu. Eh...e a senhora gosta de morá aqui?

PART: Adoro morá no meu lugá, graças a Deus.





PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

DOC: E assim, qual os pontos positivos da comunidade que a senhora acha assim que faz a senhora querer morá aqui?

PART: Eu acho pra mim por tudo, né. Porque graças a Deus nosso lugá é um lugá sossegado, você não vê violência.

DOC: Realmente. É mesmo.

PART: Bom demais.

DOC: Apesar que né, de vez em quando há divergênciaszinha.

PART: É, mais isso aí...

DOC: Tem a turma do deixa aí.

PART: É, tem a turma do deixa aí e pronto, a gente fica em paz.

DOC: É. E por quê que a senhora escolheu morá aqui? Foi por qual motivo assim?

PART: Não, por causa que meus pai era daqui...a gente nasceu tudo aqui...nasceu e criô tudo aqui...nossa família criô tudo aqui.

DOC: Hum-hum. Eh...e...e a senhora já morô assim em alguns outros lugares assim, ôta região do...não?

PART: Não, fora daqui não.

DOC: Eh...e a sen...a família da senhora toda mora aqui ou tem algum parente fora?

PART: Ah, tem parente fora demais. ININT tem os meus dois filho.

DOC: Qual o nome deles assim?

PART: ***, ***.

DOC: *** é ***, né?

PART: É.

DOC: Eu sou daqui também, então conheço muita coisa. Eh...e agora a gente vai falá um pouco sobre a história da...da comunidade. E como era assim a comunidade, porque eu sou assim dessa geração mais nova, né,...

PART: É.

DOC: ...então, tem muita coisa que mudô de antes pra hoje...

PART: Foi.

DOC: ...E como era a comunidade antes da...da senhora vim morá pra cá ou...ou de quando a senhora já mora aqui?

PART: Não, de quando eu moro aqui mudô bastante, você ve que num tempo não tinha energia a gente usava era candieiro...não tinha água assim a gente pegava água de lagoas pá bebê.

DOC: Hum-hum.





PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

PART: Aí tudo era mais difícil...transporte era difícil. Hoje em dia virô tudo mais fácil, graças a Deus.

DOC: Eh...e qual foi o tempo assim, se a senhora se lembra, que veio a água e a energia pra cá?

PART: Moço, tem muito tempo eu não lembro assim ININT. Você qué sabê assim os anos?

DOC: Sim, mais ou menos quanto tempo tem que...que [veio].

PART: Ah, tem bastante tempo.

DOC: E assim, eu tenho uma curiosidade, porque eu já perguntei aos mais velhos também, acho que a senhora não vai sabê respondê. Quanto tempo essa comunidade, mais ou menos em anos assim, de formação?

PART: Moço, pelo amor de Deus, eu num sei não...não vô sabê respondê.

DOC: Então tudo bem. E como era o abastamento...abastecimento de água antigamente?

PART: [Área] às vezes quando era no tempo da seca tinha os carro pipa que abastecia, chegava nas porta dos povos, a gente enchia o tunel de água...eles vinham assim, às vez, de oito em oito dias...tinha hora que a gente passava necessidade de água...ôta hora furava a cacimba pegava água...o povo cavava uns buraco pá tê água pá consumí.

DOC: Ah, eu cheguei a...acompanhá esse tempo ainda... Foi, eu lembro que lá no tanque do município todo mundo tinha um buraco minadô, nera, e aí o pessoal...

PART: Só que naquele tempo era melhó. INTERRUP

CIRC: ININT

PART: ININT

DOC: Eu lembro porque tipo mãe tinha, assim, o pessoal juntava todo mundo né...

PART: Hum-hum

DOC: ...aí cavava um buraco e aí minava água...

PART: É.

DOC: ...e aí se a gente demorasse muito de pegá os outros passava a mão.

PART: Mas naquele tempo ali meu filho, era melhó...

DOC: É. Eu não cheguei a acompanhá muito tempo não.

PART: ...melhó...a gente ia...antigamente era tão mudado que o povo ia...pegava nas cacimba...tinha que levá uma luz...levá um candieiro e *forsfóro* chega lá pra descê com medo de inseto do chão.

DOC: Hum-hum. Tinha tempo de Nái né, que o posto acho que é do próprio pai da senhora.

PART: Era.





PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

DOC: Que era ali que levava água lá pra cima né?

PART: Era.

DOC: E como foi essas histórias? Eles recebia alguma verba do governo?

PART: Não.

DOC: Era só...

PART: Só deu mesmo só lá o pedacinho de...de chão, né pá...pá abrí um poço aí foi bom que serviu pá todo mundo.

DOC: Hum-hum. Pra comunidade toda, né.

PART: Foi, graças a Deus.

DOC: Eh...a senhora acha que tem quantas pessoas mais ou menos aqui nessa comunidade? Uma base assim por alto.

PART: Moço, só aqui na comunidade nossa mesmo?

DOC: Hum-hum.

PART: De ININT até a curva, né?

DOC: Hum-hum.

PART: Moço, eu di[go] que tem mais de...umas quinhentos, num tem não?

DOC: Moço, aí eu não sou muito bom de base não.

PART: Eu acho quem tem mais...dá mais.

DOC: Pelo porte eu colocaria umas quatrocentos e cinquenta.

PART: Pois é.

DOC: Nessa base.

DOC: Então, e nesse tempo assim já da água também. Como é que era o fornecimento assim de energia elétrica ou como é que ele veio pra cá?

PART: Moço, da energia só que fazia muito tempo né...

DOC: Hum-hum.

PART: ...que sempre falava que ia pôr energia aqui aí o povo cobraram muntcho.

DOC: Igualmente esse br aí.

PART: Foi, aí chegô essa energia pra nós aí...aí...tá aí até hoje, graças a Deus.

DOC: E, tipo assim né, a gente era de um tempo meio...mais antigo, e não tinha muito essa questão de telefone...essa questão de internet que hoje tem. E como é que a gente recebia as infomações aqui antigamente? Por meio de carta?

PART: Antigamente era carta.

DOC: A senhora chegô a recebê algumas cartas de parentes distantes?



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

PART: Recebi...recibia quando passei um tempo fora, [no] São Paulo...recibia os pai da gente escrevia.

DOC: Como é que é a emoção, ***, de por exemplo, hoje a pessoa liga, né...

PART: É.

DOC: ...e não tem mais aquela...aquela expectativa de...

PART: É.

DOC: ...“ah, tem uma carta no correio para mim”. Como é que era recebê uma carta assim? A felicidade...

PART: Não, era alegria causa que às vez cê ficava muito tempo sem sabê a notícia da sua família né, aí às vez que nem a gente que mora aqui ia ni Canarana chega lá cê ia no correio...chega lá tem aquela carta...cê pegava que nem a gente quando...que eu fiquei né São Paulo né, aí cê via os carteiro entregá ali naquele lugá...no número certo...na casa que cê tava...colocava na casa que você tava aí era muntcha alegria pá gente, vixe era uma alegria, tinha hora que chega chorava.

DOC: E aqui na comunidade, como é que essas cartas chegavam até aqui na comunidade?

PART: Aqui o pessoal ia ni Canarana e tinha muntcha gente que às vez tinha algum...alguma coisa assim ia no correio...chega lá tinha carta de alguém tirava...chegava e entregava pás pessoas.

DOC: Hum-hum.

PART: Era assim.

DOC: E...e no caso a gente, por exemplo, um conhecido recebia a carta lá e trazia pra cá?

PART: Trazia e passava pá gente.

DOC: E na hora de lê, por exemplo, vamos supô que eu tenho minha vó e ela não saiba lê, no caso ela pedia alguém no caso?

PART: Pedia alguém, é.

DOC: Aí alguém lia essa carta?

PART: Nesse tempo eu lembro quando assim...que os povo assim...recebia carta que assim...o mais assim, nesse tempo quem era assim mais inteligente era um...um filho de...de irmã de joaninha ali que era *** hoje em dia ele já...acho que ele já faleceu foi ni Goiânia.

DOC: É.

PART: Foi esse menino aí que lia...escrevia carta pos povo...lia, era ele.

DOC: Aí ele cobrava...

PART: Não.





PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

DOC: ...tem um filme que retrata isso, uma mulher cobrava e no caso ele não cobrava pra escrevê?

PART: Não.

DOC: E assim acho que...só tinha ele assim porque no caso ele era o único que sabia lê e escrevê?

PART: Tinha o irmão dele também, ***.

DOC: *** eu conheço. *** é bem esperto.

PART: É. *** é. Tinha *** também que era professô.

DOC: É, o pessoal conta muito essa história dele.

PART: Avemaria.

DOC: A senhora qué contá a história de como ele fazia? Como era a didática dele ensiná não?

PART: Não, eu não estudei com ele não. Meus irmão estudô.

DOC: E eles falavam que era como assim?

PART: Oxe, avemaria era pesado demais que cê vê que naquele tempo não é que nem as aula não é de hoje, menino apanhava...tinha vez que chega rachava a mão coitados...

DOC: É, mas.

PART: ...*mode* uma palmatória que tinha na escola. Oxe, pelo amor de Deus.

DOC: E hoje, como a senhora vê essa questão da palmatória dentro da sala de aula? A senhora apoiaria no caso?

PART: Se fosse pá tê hoje?

DOC: Ham.

PART: Não, pá fazê igual *entigamente* não, mas se tivesse umas regra melhó na escola era melhó ainda por causa que hoje em dia vou te falá, viu. Você chega assim que nem por acaso ali na aula ali no Mato Verde...de manhã não...agora cê vai a tarde cê vê. Pelo amor de Deus, não sei como os professô *guenta* não...merecia tê uma regra não de tá batendo, agora pelo amor de Deus, moço.

DOC: E assim, a gente já tá entrando nesse papo assim da escola e tal, como é que a senhora vê...eh...qual o papel de um professô pra senhora...um *professô* de uma criança, por exemplo, vamo por estágio?

PART: O papel de um professô?

DOC: Sim.

PART: O que eu acho é assim, às vez por acaso tem pais que tem um filho na escola, né, que nem você vê ano passado quase que os menino não estudô, tinha casa que às vez você chega



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

tem uma mãe tem dois ou três filho: “Ô, eu não vejo a hora de voltá as aula pra meu *fi* ir pá escola”.

DOC: Tipo que é um fardo, né...

PART: Sim, é.

DOC: ...cuidá dos filho...

PART: Sim, por causo que ela não pensa assim o trabalho que o filho dela dá na escola ela não acha que pro professô...

DOC: Que é dez, mais de vinte alunos.

PART: ...pois é, que é mais de vinte aluno que nem eu vejo aí muitos professô que falta endoidá.

DOC: É.

PART: Apois eu não...eu já eu acho contrário assim...acho que o filho a gente tem que *iducá* em casa pá quando chegá lá fora.

DOC: Eu tava conversando com um colega essa semana, eu falei: “Olha, o correto é isso, é a criança ser educada em casa pra ele ir pro colégio aprendê”, mas a gente não vai entrá muito no debate dessas coisas não porque não vem muito ao caso.

PART: Dizê a vida de um professô numa sala vou te falá, é *difíci*.

DOC: Se fosse pra a senhora ser uma professora, a senhora encararia o desafio?

PART: Moço, vou te falá desd´eu mais...mais nova é uma coisa que eu sempre falava e falo [hoje] em dia pá meus filho aqui em casa se for gosto deles tudo bem, agora de por mim mesmo não interesse. Não tenho ININT professô não.

DOC: A senhora acredita que deve sê uma vida um pouco corrida?

PART: Uma vida puco corrida ou uma vida triste?...

DOC: {*documentador ri*}

PART: ...pelo amor de Deus, moço, vou te falá tem hora que a gente fica assim *mermo*...tem hora que...dia mermo eu fui lá pá escola lá né, aí fiquei lá de manhã até meio dia, Moço, vou te falá a gente que fica ali só pá ajudá cê ve o tanto que a gente corre ali...

DOC: É bastante.

PART: ...um professô lá dentro e você vê menino gritando...menino morde professô, pelo amor de Deus.

DOC: Eh...e tipo assim, qual seria assim uma profisSão que a senhora...eh...gostaria de tê, por exemplo, tive oportunidade de estudá porque a gente compreende também que antigamente os pais não deixavam muito, né. Mas, por exemplo, tive a oportunidade de estudá, qual seria assim uma profisSão dos sonhos da senhora?



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

PART: De meu sonho?

DOC: Hum.

PART: Meu sonho, se eu um dia...se eu tivesse *arcançado*...eu tinha vontade assim de trabalhá assim ni banco.

DOC: Ni banco, né?

PART: Eu é.

DOC: Tipo concurso público. ININT

PART: É.

DOC: Porque é um...um desejo da senhora, a senhora acha que seja uma profisSão legal do dia a dia?

PART: Eu acharia, pra mim hoje em dia é a melhores.

DOC: Uhum. Eh...e o que a senhora mais gosta aqui na comunidade?

PART: Moço, vou te falá se eu te falá...sei não que pra mim eu gosto de tudo aqui...não tenho nada a falá não.

DOC: Eh...período de seca qual...quais as atividades que a gente desenvolve aqui pra podê aguentá mais, né, até o periodo da chuva, por exemplo?

PART: É, Deus abençoaá tê um trabalho...trabalhá e tê algum...alguma ININT pá sobrevivê, porque o período de seca tu sabe aqui que é difícil, né?

DOC: E...e por exemplo, a vizinhaça agora, a senhora conhece os vizinhos da senhora assim? Demais, né, é lógico. {*documentador ri*}

PART: É, conheço.

DOC: É. Então, você sempre...a senhora sempre teve esses mesmos vizinhos ou de vez em quando vem pessoa nova morá perto?

PART: Não, sempre é os mesmo.

DOC: E, aqui é um lugá tranquilo pra senhora? Um lugar tranquilo...

PART: Graças a Deus eu acho. Meu lugá aqui é bom, graças a Deus até demais...esse *mein* aqui vou te falar, hein.

DOC: E assim, qual...quando tem um conflito assim...uma desavença mais assim qual é o principal motivo assim na maioria das vezes? O pessoal briga por que mais ou menos?

PART: Não, às vez assim...algum motivo assim que cê fala...assim que a gente vê e que a gente não gosta?

DOC: Não, o mais comum, por exemplo.

PART: Ah, aí {*informante ri*}



PROJETO ESTUDOS LINGUÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

DOC: Por exemplo, o vizin' viu a senhora jogando um copo de água no chão e não gostou, por exemplo.

PART: Não, sempre assim o que eu não gosto mais aqui é sobre os cuidado assim da...do higiene.

DOC: Ham-ham.

PART: Por que às vez se mora assim...conveve perto de algum vizin' e faz alguma coisa que vocês gosta, que nem porém aqui mesmo...nós aqui...aqui a gente limpa tem vez que eu mais os menino cata o lixo tudin', quando você olha os vizin' ali joga lixo ce vê papel de cerveja...copo descartave, tem alguma coisa. Num põe assim alguma coisa que nem aqui nós ININT tira aqui, eu ININT aqui, o que...o que tivé daqui de casa vai tudo pá casa dela, pois quando tem alguma coisa aqui gente já põe um balde aí fora pás pessoa colocá as coisa tudin' e pá não ir lixo pás casas dos outros. E aqui desse lado é o mais que eu mais vejo.

DOC: Uhum.

PART: Teve um tempo mesmo que foi obrigado eu chamá *** aqui pra falar com o agente de saúde.

DOC: E se pensar também na questão da comunidade como um todo, né?! Por exemplo, a gente tem uma comunidade ribeirinha, então todo lixo que joga no meio da rua, né, no [munturo] e tal, quando a chuva vem leva todo pá dentro do rio...

PART: Pá den' do rio.

DOC: ...e entope, né, além de ser uma questão pessoal, né, de convivência, eu acredito que também seja uma questão de consciência humana.

PART: Consciência, é...

DOC: Mas a gente vai pá frente, né?!

PART: Hum-hum.

DOC: Ninguem é perfeito mesmo.

PART: É não. ININT

DOC: Agora, nas outras comunidades e aqui também vejo isso, não sei a senhora deve confirmá por mais anos de experiência que eu também. Eh...quando tem um momento de preciSão mesmo as pessoas por aqui elas se ajudam não é?

PART: Ah, graças a Deus esse momento aí, aqui o que cê precisá, não todos, né, mas tem gente que você vê ajuda bastante.

DOC: A senhora deu um exemplo assim de uma vez que a senhora foi ajudada e de uma vez que a senhora ajudô alguém.



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

PART: Não, sobre assim, graças a Deus, quando eu preciso eu acho e se alguém precisá de mim, eu também ajudo.

DOC: Eh...a senhora pode citá algum exemplo assim de...não se fique tranquila então. Por exemplo, olha eu...eu considero uma ida a um velório como uma ajuda, por exemplo, cê vai num velório...chega lá né, o pessoal prepara a alimentaça....prepara tudo, né, então eu considero como uma ajuda e recebê essa ajuda também.

PART: Hum.

DOC: Então, se a senhora precisá de ajuda, por exemplo, quem é a primeira pessoa que vem na mente da senhora assim pra: “Eu preciso de uma ajuda, vou pedí ajuda de fulano.”

PART: Não, aqui geralmente aqui meus vizinho ali...tem ali a casa que aqueça ali é de meu sobrinho.

DOC: Hum-hum.

PART: Tem essa menina aqui também é uma pessoa muntcho legal quando meu sogro mesmo morreu foi as primeira que chegou aqui pra mim ajudá, aí apareceu a sua mãe...*** aqui mais as menina dela...***...*** sua prima chegô aqui e graças a Deus meteu a mão e tomô conta de tudo.

DOC: É, eu também tenho uma história parecida quando pai se acidentô ele...a gente recebeu muita ajuda quando...

PART: É bom, moço, é benção.

DOC: Eh... e se a senhora ficá doente, por exemplo, a senhora hoje não amanheceu muito bem e ficô doente, a senhora pede ajuda a quem assim? Primeiramente pá cuidá da senhora, no caso.

PART: Não, acho que geralmente hoje em dia um momento assim dentro de casa se eu tivesse alguma enfermidade, hoje eu já tenho minha filha que mora aqui dentro de casa comigo.

DOC: Hum-hum.

PART: Né, já não preciso assim. Mas se por acaso dizê assim: “Ah, tem preciSão de ir no médico”, aí ela não pode ir, eu sei que aqui se eu pedir os vizin´ININT.

DOC: Hum-hum. E aqui costuma tê muitas festas assim, algum movimento?

PART:: Aqui?

DOC: Sim. Na comunidade.

PART: Em casa?

DOC: Não, na comunidade.

PART: Não, aqui pra nós aqui é sossegado, eu sempre falo né, mas as vezes tem, o povo faz muita zuada, é o que não falta, eu di[go] que hoje mesmo vai tê.



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

DOC: É.

PART: ININT

DOC: Mas assim, chega a sê perturbadô? Tira a paz de vocês?

PART: Tem misericórdia...tem dia aqui ó que nem, assim às vez eu fico assim, porque se eu num for pá igreja eu gosto de ficá aqui até tarde assistindo, teve um dia aqui mesmo que nem a televiSão cê num tava escutando no volume todin'ninguém num escuta nada.

DOC: E..e a casa forrada né?

PART: Forrada. E eu fecho tudo aqui ó.

DOC: Eh...então...eh...´xô vê. Tem algum lugá aqui que as pessoas elas se juntam no caso pra batê papo...conversá...resenhá? Aí em frente, né?!

PART: Avemaria, isso aí é sem futuro.

DOC: Mas tipo assim, uma quadra...um lugá de...de um lugá pra pessoa se divertí?

PART: Tem.

DOC: É, a senhora pode...?

PART: É, geralmente, que nem o povo gosta da quadra, tem alí o bar de ***, o povo gosta muito dalí, ficá...cê passa ali tá todo mundo conversando.

DOC: Eh...e...eh...num rola muina confuSão não né?

PART: Não, graças a Deus, não.

DOC: Acho que é um pessoal...

PART: Às vez num deixa, né?! Que às vez cê vê que no mei´ aparece algum mais.

DOC: Turma do deixa disso.

PART: É, um abençoado no mei´.

DOC: É. E assim de *quals* pessoas assim, a senhora é mais próxima aqui na comunidade?

PART: Cê diz assim, que eu convivo mais assim...tenho mais.

DOC: É conversa. No dia a dia.

PART: Converso, ah, eu sei quem é. Aqui assim pra mim tem essa vizinha aqui...tem *** ali sempre assim que eu converso mais sua mãe.

DOC: Eh...e já aconteceu alguma coisa aqui nessa comunidade, que a senhora pensô assim: “É eu vou embora daqui, porque perdi o encanto” por algum motivo que fez a senhora querê mudá daqui?

PART: Não.

DOC: Não, né?! Sempre gostô de...?

PART: Sempre gostei daqui.



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

DOC: Eh...e agora a gente vai falá um pouco da infância. Porque, acho que a infância da gente é uma coisa muito boa.

PART: Hum-hum.

DOC: É sério assim, eu gosto muito da minha infância.

PART: É.

DOC: Eu...eu custumo dizê com meus colega assim: “Minha infância foi muito boa”. Num posso...num tenho nada que...

PART: A minha também...a minha também. Gostei demais.

DOC: Então a gente vai falá, a senhora vai falá básica...justamente dela agora.

PART: Hum.

DOC: Como foi a infância assim da senhora?

PART: Não, minha infância graças a Deus foi muitcho boa. Assim às vez o lugar que eu *pensarra*, desd´eu com idade dez ano, Deus me abençoe eu conheci. E aí pra mim foi boa demais minha infância. Curti muntho a minha vida. Não tenho *rependimento* dizê assim, *poque* cê vê...*poque* às vez tem gente que diga casou novo né.

DOC: Hum-hum.

PART: “Ah, eu rependi de tê casado, que eu num curti.” mas nesse ponto aí, graças a Deus não tenho *rependimento*.

DOC: A senhora casou com quantos anos?

PART: Quando eu casei?

DOC: Hum.

PART: Moço eu num sei...parece que era com...dezesseis.

DOC: Foi a merma idade de mãe...merma idade de mãe.

PART: Foi nova, que foi obrigado pai, que o homi nem queria, viu. Pois os pai nesse tempo era mais exigente.

DOC: E nesse tempo o pessoal...porque no tempo da minha vó tinha dote, quando a pessoa casava tinha dote. Eu fiz a entrevista com ela, ela mim contô que.

PART: O quê qu´é isso?

DOC: Dote é quando a pessoa casa e aí... os pais da moça tem que dá uma parte da herança pra ela e no caso, por exemplo: tia *** ali embaixo ela recebeu um dote...ela recebeu acho que umas...umas...uma grande quantidade de cabeça de gado...terra. Minha vó recebeu dote. Acho que no tempo da senhora num tinha mais não.

PART: Ah, nesse tempo meu acho que num...não...não achava...num tinha mais não.



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

DOC: Eh...e a senhora brincava na rua ou *dento* de casa, no caso?

PART: Brincava na rua...brincava *dend'* casa.

DOC: E num tinha muita...os pais num reclamava muito não?

PART: Não, que *cê* vê que aquele tempo né...né que nem o tempo de hoje as menina...*cê* vê menina com...hoje em dia...com dez...onze ano *cê* já vê com'uma...eh...naquele tempo oxe, moçona aí de quinze...dezesseis nem ó {informante faz movimento com as mãos}. Era boneca...era debaixo dos pé de pau brincando. Nem boneca tinha naquele tempo...num era boneca, a gente pegava assim uns...aqueles sabuco de *mí*.. aquelas bonequinha ia na roça e rancava e dizia que era as boneca e brincava um bocado de carrin' véi trem.

DOC: Carrin' de lata.

PART: Era, folha de...assim...folha de...de mato a gente pegava fazia que era comida.

DOC: Eu lembro, eu cheguei a brincá...brinquei de barro.

PART: É, a vida era muito boa véi, naquele tempo [ali] era maravilhoso, eu queria que fosse hoje em dia o *meno* a metade.

DOC: Aqui tem...tem aquele *fi* de *** eu vejo ele brincando como criança...ele brinca de carrin'...brinca na terra...brinca igual criança, mesmo, sabe?! Que hoje em dia todo mundo telefone na mão.

PART: É. Oxe *má*. Fique aí, menino hoje em dia, *ocê* às vez...*cê* se tira minha netinha aqui ó tem o quê dois anin', ela num...*cê*...tem bastante brinquedo, nem importa. Agora, celulá *cê* pode sentá que nem tá aí...botá ela que ela fica o dia todin'ó.

DOC: Eu eu num sei o que que prende a atenção, porquê, é...

PART: É inteligência demais né?

DOC: É. E assim, qual era o tipo de brincadêra que a senhora brincava assim?

PART: Que eu mais gostava?

DOC: Ham.

DOC: Uns tipo de brincadeira de antigamente.

PART: Brincava... nós gostava de brincá de casinha com terra, a noite era brincava de roda, essas coisa assim.

DOC: Chicotin' quêmô.

PART: Chicotin'...pula corda.

DOC: E assim, com' é que era as regras dessa brincadêra por exemplo, chicotin' quêmô, com' é que se brinca?

PART: Com' é que se brincava?



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

DOC: Hoje é capaz de chegá numa criança e ela num sabê comé que se brinca.

PART: A, sabe não...sabe não. Era assim, chicotin' quêmô você ficava aqui aí eu ia...cê tava aqui, eu mando cê virá assim pra lá e *nór pegarra* ali o...o...era um chicote mermo escondia *dento* daquela planta ali e falava: “chicotin' quêmô”, quem achá...quem *acharra* primeiro ia e batia no *zonzôto*.

DOC: Até chegar num...tinha o local de segurança já...

PART: Era, pois é, saia correndo.

DOC: ...já pá ir...

PART: Aí quando falava: “chicotin' quêmô” só via menino saí doido caçando.

DOC: E, e...ciranda de roda? Eu já vi o pessoal falá, mas eu nunca brinquei assim.

PART: Roda?

DOC: Ham. Ciranda de roda.

PART: Roda? De roda era assim...era um bocado de gente, aí *pegarra* assim que nem nós fazesse tipo uma roda *mermo*, a gente *pegarra* nas mão e saía rodando *mermo*.

DOC: Ah!

PART: *Cantarra* aquelas *musga* e pronto.

DOC: “Ciranda cirandinha, vamos todos cirandá.”{documentador canta}

PART: Era. Cê via que quando a lua...naquele tempo num tinha, *inegia*...

DOC: Aham!

PART: ...Nós a lua...quando a lua tava bonita, oxe, era um bocado de gente ali naquela casa de pai, lá do alto se via as menina do alto brincando também.

DOC: Sim. E agora *vamo* falá sobre São João. Me...me vei na mente aqui agora falá sobre São João. a senhora...a senhora...

PART: Num participava muntho.

DOC: Num participava não.

PART: Nunca gostei.

DOC: Assim, tem algum motivo específico assim, que a senhora num gosta e tal?

PART: Não, eu num sou contra né, mas era uma coisa assim que eu num participava não, negócio de São João, eu ia assim né, os povo brincava...gostava de fazê as quadrilha.

DOC: Hum-hum

PART: Mas eu num participei muntho não.

DOC: Foguêra a senhora também participô?

PART: Foguêra pai fazia muntho.



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

DOC: Eh...tem dois tipos de fogueira né. A senhora...?

PART: É que era a fogueira que nem eles *falarrá* naquele tempo: “fogueira *detchada* e a fogueira em pé”.

DOC: Qual a diferença assim, entre as duas?

PART: É por causa, que a...que a em pé que nem eles fala...cê via que ali ajuntava mais gente né, colocava aqueles trem lá, era fruta...bebida, o povo ficava tudo doido pá pegá. Tinha gente que *colocarra* dinheiro aí vinha.

DOC: Juntava os grupo pra pegá.

PART: É, tinha aquele tal pau de sebo e o povo indoidava, era *mar* melhó que a fogueira *detchada*.

DOC: Acho que é porque também a gente entrô na pandemia, mas parece que o tempo antigamente era mais...

PART: Era, na casa de pai mermo só fazia essa fogueira *detchada*...era, oxe.

DOC: Quentão, canjica.

PART: Aí no ôto, quando era de manhã cedo, na fogueira, o povo... naquele tempo também, hoje em dia é tudo mais difícil...tudo é comprado...tirava a *paia*...*rancava* um tanto de batata, aí de manhã ir lá...botava de manhã bem cedin’ aquela só tava a cinza...botava as batata pá assá...era milho...era tudo.

DOC: Vó fez muito isso já.

PART: Era bom demais...

DOC: E tem aquela crença né.

PART: ...*abroba*. Eles *cortarrrá* aquela *abroba* bem boa e colocava na cinza e assava tudo.

DOC: Abóbora assada?

PART: *Precura* seu pai pr’ocê vê.

DOC: Eu vou...

PART: Gostosa demais.

DOC: Mas tem que sê aquelas *abóbra* bem grande.

PART: É grande, [uma] *abróba* docinha, mas fazia era partí...

DOC: Hum-hum.

PART: ...aí botava pá assá.

DOC: É...

PART: Bom demais!

DOC: Tem algum assim é....tem algum, com´é que eu posso dizê... alguma tradição, na casa



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

dos pais da senhora...na casa da senhora?

PART: Às vez fazia.

DOC: É tipo uma coisa que todo ano tinha que fazê.

PART: É, todo ano que nem na casa de minha mãe *mermo*. Era to...era sete...era todo sete de setembro ela fazia o *cariru*.

DOC: *Cariru* né?! É com é que funciona o *cariru*? Eu acho que eu cheguei a ir umas duas vezes...fui algumas vezes.

PART: Moço, eles [fazem] assim né, eu lembro que ela fazia todo ano sete de setembro. Aí quando tava perto assim, faltando uns quinze dia, saía nos lugá pedindo pá fazê ali.

Canarana...Cafarnaum...João Dorado, aí quando era no dia juntava aquele tanto de mulhé matava bode...(ININT) galinha *conzinhava*. Aí no horário ali do *cariru* que nem eles dizia que era [pos inocente] botava as mesa no chão, as criança sentava e comia, num podia comê de colhé não era com a mãozinha. E aí os adulto...quando terminava os adulto ia comê. Quando era de noite...era...batia tambô, povo diz que...sei lá né, era umas coisas muntcho...chega me *rupêa*.

DOC: Com é, moço?! A vizinha aqui, moço, ***, fazia muito. Eu lembro que eu já fui algumas vezes.

PART: Pois é, cabô tudo.

DOC: “Cosme veste branco e Damião veste azul, Santa *Bárba* veste branco, na hora do *cariru*”. {*documentador canta*}

PART: É, esse povo fazia *mermo*.

DOC: E aí a gente...

PART: *** né, cê lembra?

DOC: *** tem muita fama de *** aqui, mas eu nunca fui nenhuma vez, fui...fui não...fui numa foguêra...fui numa foguêra de ***.

PART: É fazia, *** fazia. Ali ne ***, *** só foi esse ano que num fez...num sei o que foi...o ano passado num fez não.

DOC: Pandemia né, não, num sei?

PART: Não, que ele disse que ia pará.

DOC: Ah! E assim, como era os pais da senhora assim, com a senhora...com os filhos dele?

PART: Moço, meu...minha mãe *mar* meu pai comigo mesmo até hoje eu falo agradeço muntho a Deus, logo eu era a caçula, era mimada demais.

DOC: O caçula sempre recebe...{*documentador ri*}





PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

PART: Demais...demais...demais da conta *mermo*.

DOC: Mas assim, e com os outros assim?

PART: Não, com os ôto toda vida...ele era um pai...minha mãe mais meu pai era um pai bom, agora com os ôtos ele era também bom, mas comigo era mais.

DOC: Hum-hum.

PART: Só dormia no colo dele.

DOC: A senhora tinha, por exemplo, a senhora conta que saia pá brincá, né, e a senhora tinha horário pra voltá pra casa, por exemplo?

PART: Ah, tinha que tê.

DOC: Qual horário assim?

PART: Se os pai falasse assim ó: “*meo* dia se você não tivé aqui *ante* do almoço.” quando chegava...

DOC: Surra.

PART: Era...era. E hoje não, né, você vê que filho saí hoje de casa fala: “Ó menino ó, cê vai tal hora é pá tá em casa.” é bem difícil, né.

DOC: A senhora lembra assim, alguma vez que a senhora desobedeceu a regra e apanhô alguma vez?

PART: Moço, vou te falá, eu levei uma surra sozinha de meu pai.

DOC: A senhora queria contá...se a senhora queria contá...

PART: Foi uma surra bem boa, viu?! Mas também foi essa, graças a Deus.

DOC: Hum-hum.

PART: Eu já era mocinha...mocinha não, já era moçona, mas foi *divido* uma *véia* que morava aqui, vizinha nossa. Você não conhecia não, quem conhecia foi ***. Ela era avó de *** mais de ***.

DOC: Hum.

PART: Aí, ela morava numa casinha que tinha de frente da casa de ***, aí nesse tempo...essa mulhé não era daqui, eles veio aí do lado de Ipiritiba...

DOC: Tô tentando lembrá.

PART: ...e morô aqui mais pai. Aí ela ficô aí, aí nesse tempo pai pegava muntha gente assim pá trabalhá, né e ela trabalhava com pai e pai foi pá Canarana dia da fêra, aí eu mais *** tava indo mais meu irmão, que era também o caçula, aí ela chegô e mentiu pá pai que diz que nós tinha *panhado* mamona. Menina, pai também deu uma surra ni nós...foi uma surra também que parece que ele disse assim: “Vai sê a derradêra.



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

DOC: É porque também antigamente os pais num aceitava muita coisa...

PART: Não, mas era...

DOC: ...por mais que for mentira, mas pra ele era uma verdade, né...

PART: Mas os pai de primêra também era muntho cruel. Só que se hoje...se hoje na época que nós tá, eu mesmo tenho meus filho e eu falo se fosse naquele tempo, as coisa pá munthos pais e munthas mãe era boa demais.

DOC: Hum-hum.

PART: Que cê vê hoje em dia a desobediência dos *fi* tá demais, viu.

DOC: É, e assim, vocês tem alguma tradição da família?

PART: Não.

DOC: Não, né. E assim, a senhora falô que a senhora foi pá escola [até] o primêro ano...

PART: Hum-hum.

DOC: Foi na mesma cidade ou foi outra cidade?

PART: Na mesma cidade *mermo*. Sabe onde era a nossa escola?

DOC: Eu num sei.

PART: Era ali...ali onde é a casa de *** hoje, no depósito de ***.

DOC: Ah, *** né.

PART: Sim. Foi, a professora, não sei se essa mulher já morreu que ININT eles saiu daqui...eles mudô pá Salvadô.

DOC: Hum-hum.

PART: Foi embora pá Salvadô.

DOC: Eh...***, essa semana, tem umas duas semanas que eu tava procurando, procurei tia ***... procurei ***...eu procurei um pessoal mais velho assim se eles sabia a idade daquele prédio. A senhora não sabe não, né?

PART: Não. E não soube explicá?

DOC: Não soube a idade do prédio. É.

PART: Moço, vou te falá viu, aquele prédio ele não é tão novo nem assim tão velho não, tem muitos que sabe...tem muitos que é porque hoje em dia assim, não quer dá informação, mas sabe.

DOC: Hum-hum.

PART: Tu procurô pá ***?

DOC: Perguntei ***.

PART: Num soube também?



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

DOC: Disse que os documentos tá na prefeitura.

PART: Ah, pois é.

DOC: Eh...a senhora né...como era a escola antes?

PART: A escola antes?

DOC: Hum-hum.

PART: A nossa escola antigamente...eu acho que até o porém mesmo que hoje em dia o povo fala que as maiorias das pessoas num aprendeu quase nada, porque antigamente as escola pelo amor de Deus, viu. Hoje você vê né? Cê tem seu filho pá ir pá escola, cê dizê assim ININT, antigamente a gente pá ir na escola cê tinha que levá um tamburete.

DOC: Hum-hum.

PART: Otâ hora se [por *acauso*] que nem lá em casa às vez era...era dois que estudava...era eu e meu irmão que mora em São Paulo, tinha que sê um banco pesado botava assim na cabeça, que nem aqui por *acauso* um...eu ia assim [eu atrás e ele na frente] com o banco na cabeça. A *bosa*...a mochila de pô os livro era uma sacolinha, pior antigamente que o saco...as sacolas de primêra não era que nem essa...era uns sacos bem frágil...as roupa pelo amor de Deus e era desse jeito. Cê num ti...ce num tinha liberdade...cê não ganhava um...uma caneta na escola, tinha tudo comprado.

DOC: Hum-hum.

PART: Era um tal d'um ABC...um livro que chamava “cartilha primeiros” coisa assim, tinha o...a tabuada...o caderno era que nem esses de hoje com arame era...tu sabe como era, tipo...

DOC: Sei.

PART: ...é, desse jeito e na sala de aula se saísse de den' de casa de manhã ou a tarde que você fosse se você tivesse o que comê em casa tudo bem, se não tivesse só ia comê se chegasse em casa e ainda tivesse.

DOC: Porque no..na escola num.

PART: Não tinha merenda. Hoje em dia não, oxe, menino vai para escola tem merenda eles...vai com dinheiro no bolso pra merendá.

DOC: Quais práticas assim, tipo a diferença de antes pra hoje? Falá sobre a diferença.

PART: A diferença de antes pra hoje?...

DOC: [Como era antigamente]

PART:...quem vai trocá de hoje pela antigamente pelo amor de Deus? Vai.

DOC: Hoje ININT já chega com a cadêrinha

PART: Oxi, pelo amor de Deus, cadêra já chega na escola é tudo cheirosinha, entra na sala tem



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

cadêra...ar condicionado, pelo amor de Deus, tudo bom demais hoje.

DOC: E tem gente que não qué estudá.

PART: Às vez cê tem um filho, que nem ocê vê as coisa hoje em dia cê vê que tá ruim, tudo difícil...tudo caro, assim, chega na escola: “Ah, por *causo* que filho não veio pá escola?” “Por *causo* ainda professô que a gente nunca pôde comprá os material” “Não, pode mandá o seu filho vim pá escola” aí você chega em casa...arruma vai pá chega da escola, quando você pensa que não chega o menino com o cadernin´den´da *bosa*...chega com uma caneta...com um lápis...a farda hoje em dia cê vê tudo é de graça, antigamente nem isso a gente tinha...tinha *veze* ia com a roupinha rasgada ainda chinelo todo remendado.

DOC: Não mais...no tempo que eu estudei era comprado a farda.

PART: ININT no tempo de vocês...cês tava mais chique também.

DOC: Assim, e lá em casa como era cinco, aí pesava um pouco a farda.

PART: Não, mas eu sei que era comprada, mas a gente fala no teu estilo. No tempo de vocês pá ir pá escola a coisa era ôto...no tempo da minha menina...de *** era...mudô muito era ôta coisa. Agora no tempo nosso deixa eu te falá pelo amor de Deus, eu lembro assim ó, os menino passava lá no Mato Verde e ia estudá lá no Mato Verde com *Sivirino*, cê via gente que morava no Lago com o banco na cabeça.

DOC: A pé?

PART: A pé! Fica aí, ai de menino que chegasse em casa, faltasse qualqué coisa pá vê...caia na cinta.

DOC: É, e a senhora gostava da escola quando a senhora ia?

PART: Gostava, mas fazê o que né?

DOC: Era o que tinha né?

PART: É. *Ói* você vê hoje ó. Pela minha idade que eu tô, hoje em dia, avemaria, eu faço...mim fazendo de tudo pá ir pá escola.

DOC: Ham-ham. Eu acredito que nem sempre...nunca é tarde para a gente voltá...estudá... pra aprendê.

PART: É não.

DOC: Porque conhecimento nunca é demais.

PART: Cê vê tudo melhó hoje em dia. Menino vai pá escola que nem eu vejo, gente. Eu vou ali no Mato Verde, no mesmo distância pá ir de pé, você fala assim: “Ah, vai ali no Mato Verde pra mim.” “Ah, eu não vou não de pé.”

DOC: Tem que tê uma moto.





PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

PART: Tem que tê uma moto...tem que tê uma bicicleta. Às vezes o menino tá em casa perde...tava ni algum canto chegô...perdeu o ônibus: “Vai pá escola?” “Não, num vô não, se não passá um carro aqui e num fô me levá eu não vô”. Aí às vez cê tem aquele interesse pelo fí, cê vai ficá ali esperando uma pessoa passá. “Ei, fulano para e leva esse menino aí.” que vai se num fô não vai não.

DOC: Eu lembro...

PART: Oxi.

DOC: ...pelo menos no meu tempo assim de Ensino Fundamental que quem carregava era ***.

PART: Hum-hum.

DOC: E aí era aqueles ônibus mei´ velho né? Antigamente.

PART: É.

DOC: E as vezes quebrava e a gente ia a pé.

PART: Oxe.

DOC: E eu lembrei era d´uma turminha aqui que ia a pé.

PART: É.

DOC: E tem algum assim...algum professô ou alguma professora que marcou a infância da senhora? Do tempo de estudo da senhora? Que a senhora lembre assim: “Nunca vô esquecê de fulano”.

PART: Não, essa que eu tô lhe falando aqui que ela ensinava pra gente quando ela foi embora pá Salvadô, assim soube que ela era uma pessoa que ela não era daqui. Acho que eles era filho de Canarana...

DOC: Hum-hum.

PART: ...só que essa...essa mulhé um...até hoje eu lembro dela...de vez em quando eu lembro dela. Eu falo: “Ô.” Eu digo essa mulhé já morreu, mas eu acho que ela nunca morreu não, que eles é muito conhecido aqui de *** de [ININT].

DOC: A senhora *alembra* o nome dela?

PART: ***.

DOC: Como?

PART: ***.

DOC: ***.

PART: Hum-hum.

DOC: O esposo dela também era professô ou não?

PART: Não. Eu di´ que tu...teu pai fala muito desse homi [que é Juquinha]





PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

DOC: Ah! Juquinha, pai fala direto nele.

PART: É.

DOC: E a senhora acha que a escola hoje ela fornece aquilo que uma pessoa precisa pra...pra alcança outros objetivos na vida?

PART: Eu acho que fornece, a pessoa tendo interesse fornece.

DOC: Por exemplo, a pessoa se dedica...estuda e ela...

PART: É, pois é, porque tudo cê vai...cê tem vontade de...ó é assim, nunca é tarde...cê tem vontade assim “Eu vou fazê isso”...você vai com fé...você consegue. Agora, cê vai falá assim: “Ai ***, eu não vou fazê que eu sei que eu não vô conseguí” isso aí é *bestage*.

DOC: É. E até que série a senhora estudô?

PART: Primêra.

DOC: Ah, mas foi porque assim, a senhora que quis desistir? Ou...

PART: Não...não é assim que eu quis desistí, por *causo* que nem nesse tempo que eu tô lhe falando que nós estudava com essa mulhé né e aí ela foi embora.

DOC: Hum-hum.

PART: Aí às vez tinha esse *Sivirino* no Mato Verde, aí acho que eu fui nessa escola dele num sei se foi duas vez, aí como eu tô lhe falando, logo naquele tempo, a gente...meu mãe...minha mãe mais meu pai era muito assim apegado comigo...

DOC: Hum-hum.

PART: ...aí eu lembro que ele foi e botô eu de *cartigo* quando eu cheguei assim, meu joelho tava todo *incalambado*, aí eu comecei a chorá todo dia...todo dia...todo dia, aí...aí eles desistiro e foi...eles falarou que não ia mais não. Agora, já os ôto quando falava que não ia, ó {informante faz estralho com os dedos}

DOC: E assim quando a senhora era mais...a senhora era criança. Na juventude assim, a senhora costumava ir pra outra cidade assim? Por exemplo Irecê...

PART: Você tá falando assim de quando eu fiquei...

DOC: ...viajá pra outra cidade.

PART: ...Mocinha?

DOC: Sim, na infância, a senhora costumava ir pra onde assim?

PART: Passei, ´xô vê, passei de três mês em Salvadô...passei um mês ni Xique- Xique...fui pá Sô Paulo...Sô Paulo eu passei o que? Quatro ano.

DOC: Quatro ano. Eh...e...

PART: E sem estudo...e sem estudo lá eu me virava tudo assim. Ia pá casa de minhas prima,



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

era longe de onde eu trabalhava, Oxe, ia pá o ponto de ônibus...pegava o ônibus e ia embora.

DOC: Hum-hum. E quais as músicas assim que a senhora ouvia assim na infância? Na adolescência assim? Lá em casa...eh...mãe fala muito ni Armado Batista, é sério.

PART: Ah, tu qué falá assim as música que eu mais gostava?

DOC: É. Os tipo de música?

PART: Amado Batista.

DOC: É. Amado Batista.

PART: Amado Batista. Era aquele outro também, como era o nome dele que eu já esqueci...era Gerry Adriano.

DOC: Ah, mãe fala muito também.

PART: Gostava, as música daquela Rosana.

DOC: Rosana?

PART: Uma cantora que tem, só que hoje nem fala muito nela, uma música que tem que ela cantava assim...que fala assim: “Como uma deusa”. {informante canta}

DOC: Ah, sim.

PART: É. Gostava muito.

DOC: Eh..agora sobre a família. A família da senhora é grande? Hoje a família grande?

PART: Den´de casa?

DOC: No geral.

PART: Ah, pelo amor de Deus, acho que aqui num tem família mais grande que a família nossa.

DOC: É que eu tô dentro também.

PART: Avemaria, ININT só não tem família mais grande que essa família nossa não.

DOC: É, e a senhora tem...tem irmãos?

PART: Tenho.

DOC: A senhora sabe a idade de cada um deles? Ou isso é meio complicado?

PART: Moço, pra mim é meio complicado.

DOC: Então a gente pula essa pergunta.

PART: Hum-hum.

DOC: E os pais da senhora eles nasceram aonde?

PART: Aqui na comunidade *mermo*.

DOC: Dentro da comunidade? É porque também...

PART: É, foi, era pió do que [ININT].



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

DOC: Ei ***, e sobre...eu tava ouvindo ali mais Cleilton [tu] tava falando sobre parto...as partêra, né.

PART: É.

DOC: A senhora, senhora chegou a acompanhá algum...algum estado de parto? Alguma...alguma partêra e tal? Ou então a senhora teve filhos através de partêra ou ni Hospital?

PART: Não, meus *fi*os mais véi que nem ***...*** e *** foi em casa com partêra.

DOC: Quem foi a partêra?

PART: Minha mãe.

DOC: Ah, a mãe da senhora é partêra? Porque, aqui eu só lembro...

PART: Eu acho, eu não sei se dos *fi* de...de Bia...os *fi* de Bia não...tem não.

DOC: Lá em casa?

PART: Hum, eu nem sei, eu acho que eu vô procurá Bia ainda.

DOC: Dos...dos que nasceu de partêra?

PART: Hum. eu sei não.

DOC: Eu e *** nós nascemos natural assim sabe?

PART: Hum-hum.

DOC: Só que aí ela não podia cortá o umbigo né?

PART: É.

DOC: Aí quem cortou meu umbigo foi...

PART: ***.

DOC: ...tia ***...finada ***.

PART: Hum-hum.

DOC: E o de *** foi ***. E acho que *** era partêra nera?

PART: Era.

DOC: Era partêra. E no caso a mãe da senhora também era partêra?

PART: Hum-hum.

DOC: A senhora nunca acompanhou ninguém em estado de parto não né? Junto com ela...andando?

PART: Não.

DOC: E como era assim que fazia um parto? Fico curioso, porque no Hospital é tudo né...

PART: Moço, era difícil viu, era sofrido porque naquele tempo cê vê que morria muntha mulhé de parto.

DOC: Hum-hum.



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

PART: Muntha mulhé de parto que às *veze* você vê no hospital, hoje em dia que nem você vê ali ni Canarana, pessoa...vai com uma pessoa...vai pá ganhá um...pá ganhá um bebê, ai chega lá às *veze* nas ultrassom...nas coisa que elas faz ali que já faz aquelas...aquelas consulta a...quem é que nem Daniela mesmo já vai fazê a...o preventivo né, como é, moço...como é que fala, homi? Pá sabê o sexo do bebê.

DOC: Ultrassom mesmo.

PART: É, aí eles já conhece ali...eles fala: “Óia o seu parto não vai sê normal, tá tudo mostrando pá sê cesária”. Aí quando você chega ali em Canarana...ali já dá aquele...o.o cartão, eles já olha e já fala. Aí eles tenta né, se não conseguí já manda pá Irecê e lá já faz cesária. Antigamente não...num tinha isso meu filho era três...quatro...cinco dia, avemaria morria mulhé de parto demais, avemaria, pelo amor de Deus, mulhé de parto e criança, nossa.

DOC: Era muito sofrimento.

PART: Sofrimento danado, moço, tinha mulhé que passava cinco...seis dia.

DOC: Em estado de parto, sentindo dor. E a senhora lembra assim de alguma pessoa que faleceu assim em estado de parto? Ou...

PART: Lembro, 'xô vê, eu merma assim que eu lembro que eu ainda fui num velório só foi de uma. Eu de que *** não sabe quem é não *** sabe, foi a mulé de ***, *** ININT que ele sabe quem é ***, é, *** ele é irmão...ele é irmão de ***...** de ***...pai de ***, moço.

DOC: Já vi falá de ***.

PART: Ah, menino tu não sabe quem é não? Pois é, a mulhé dele morreu de parto. Finada ***.

DOC: E agora essa pergunta eu tenho curiosidade, porque eu também quero sabê a formação da comunidade.

PART: Hum.

DOC: A senhora sabe dizê quem foi a primeira pessoa...a primeira família que veio morá aqui na...na comunidade?

PART: Vish, moço, 'xô te falá esse aí eu não sei te informá não .

DOC: Não né?

PART: Hum-hum.

DOC: Então a gente pula.

PART: Porque quando eu nasci já era, né?

DOC: Hum-hum.

PART: Já era formado.

DOC: E, e o resto da família assim, os tios...os primos...os...os parentes aí, eles moram todos



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

aqui? Ou moram pessoal fora?

PART: Ah, tem muitos...tio não né? que os tios da gente você mesmo conhece...cê sabe né, já faleceu tudo. Agora primo, a maioria mora quase tudo fora.

DOC: Hum-hum,

PART: É, você vê ali mesmo *** tem muito filho né? Os filho dele hoje em dia mora quase tudo fora.

DOC: Hum-hum. E a senhora é casada?

PART: Graças a Deus.

DOC: Eh...e filhos também a senhora tem né?

PART: É.

DOC: Quantos anos assim eles tem?

PART: Os filhos? *** acho que...***...*** tá com, *** fez trinta e três ano.

DOC: O mais velho?

PART: Não o mais velho é ***...*** já fez o quê...seus quarenta.

DOC: Quarenta?

PART: Hum. Fez...qué vê? Foi isso mesmo.

DOC: Oxe.

PART: Foi...foi...foi, minha *fia* não é mais menina mais não.

DOC: ***...*** tem?

PART: ***, acho que *** tem o que...seus, moço, 'xô te falá eu nem sei assim...eu só sei olhando.

DOC: É...é muito filho. [A senhora tem] ININT

PART: Não, não é muito filho, é porque...

DOC: Foge da mente.

PART: Não, não é fugí é porque às *veze* tem gente que se engrandece né? E eu não vou falá que nem o pai, põe assim ó na mente não.

DOC: É.

PART: Às vez assim mermo quando eu vou assim, fazê alguma coisa dele eu já levo tudo já anotadin' pá num...

DOC: E os outros é? ***.

PART: ***? *** fez doze agora dia seis de outubro.

DOC: Eh..e o outro? ***.

PART: ***? deixa eu vê...tem seus quinze.



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

DOC: Quinze. ***?

PART: ***? *** ficô de maió agora no dia seis...como é...três de Janeiro.

DOC: Eh...e como é que é a vida em família hoje? Na comunidade.

PART: Na comunidade ou tu fala den´de casa?

DOC: Sim.

PART: Não de´de casa com meus filho, cê vê que num deixo né? Num...num chamá atenção, mas graças a Deus vai vim ôtras coisa e meus fi nunca me deu trabalho não.

DOC: Eh...e assim, é muito diferente assim de quando a senhora era criança?

PART: Bastante.

DOC: Antigamente o...o formato de família era...

PART: Pelo amor de Deus, cê tenta, mas hoje em dia a coisa é difícil.

DOC: No caso pra senhora...no caso antigamente tinha mais...

PART: Era.

DOC: ...mais respeito?

PART: A vida era ôta.

DOC: Eh...e antigamente assim para as mulheres ficavam em casa né? Cuidando dos afazê em casa...de filho e tal.

PART: É.

DOC: E hoje essas...essas coisas mudaram ? Elas trabalham fora...

PART: Mudaram bastante, porque hoje em dia cê vê, não é tanto assim como [ININT], por causa mesmo tem que sempre ajudá né...mudô bastante, tem que trabalhá umas vai trabalhando ni roça...ôtas já caça algum trabalho assim pá fazê fora, porque tem que trabalhá mesmo e ajudá a família.

DOC: Hum-hum. Eh...aqui na comunidade tem algumas casas que faz...que eu sei que faz ó. Na sua casa os homens ajudam nos afazeres *doméstico*? Por exemplo, limpá a casa...

PART: Aqui *dento*?

DOC: Ham-ham.

PART: Não. Aqui é pesado...aqui o melhó [ININT].

DOC: E o que a senhora ***, por exemplo, de um homem ficá em casa cuidando dos filhos?

PART: O que eu acho?

DOC: Ham.

PART: Eu acho que é o certo, porque sobre assim cê tem um filho num é seu só, eu acho que tem a regra, o marido também tem direito de ajudá a esposa.



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

DOC: Hum-hum. É que hoje parece que o pessoal coloca que só a mãe tem né?

PART: E muitos ININT né?

DOC: Ham ram.

PART: Porque às vez vai assim...você...cê chega assim na casa de algum colega seu que nem tem ele ali...chega na casa da mãe dele às vez tá ele ajudando a mãe dele, você já ignora, mas tem ôtos que: “Pô, cheguei ali, fulano tava era ajudando a mãe a fazê as coisa” parecendo que era a mulher né? Pois é.

DOC: ININT

PART: Agora esse meu menino mais véi, esse que mora fora, ele me ajudava.

DOC: Ham-ham.

PART: Quando ele tava dentro de casa, no tempo que a gente ia lavá roupa assim nos rio, oxe, ele chegava den´de casa...ele cuidava de tudo.

DOC: Eh...e com quantos anos assim a senhora começô a trabalhá? A gente já tá na área do trabalho...da ocupação.

PART: De quanto? Tu tá falando no geral...

DOC: No geral.

PART: ...de quando eu morava den´de casa?

DOC: Sim.

PART: Ah moço, eu comecei a trabalhá novinha, quando eu saí *mermo* eu fui trabalhá ni...ni Xique-Xique eu tinha o quê...quinze anos.

DOC: Quinze anos né? Eh...e qual foi o primeiro trabalho da senhora?

PART: Foi ni Sõ Paulo.

DOC: Mas assim, a senhora fazia o quê?

PART: Eu...eu trabalhava de doméstica.

DOC: Cuidando de casa de família no caso né?

PART: Hum-hum.

DOC: Eh...e a senhora ainda trabalha?

PART: Trabalho.

DOC: Eh...qual o trabalho da senhora?

PART: Hoje...acho tem nada falá não né?

DOC: Tem não.

PART: Trabalho na escola.

DOC: É cuidadora do lá no caso. E acho que é um papel muito importante assim.



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

PART: E trabalhá assim...esses dias *mermo* trabalhava todo dia ia po Mato Verde trabalha lá...fazia...trabalhava ni duas casa.

DOC: Hum-hum. Eh...acho que é um papel muito importante assim...

PART: Agradeço muito a Deus.

DOC: ...que merece sê mais valorizado.

PART: Agradeço muito a Deus.

DOC: Eu falo com todo orgulho ***, minha mãe também trabalha com isso.

PART: Oxe, tem gente...tem gente que às vez trabalha numa casa né? Aí você chega pá *precurá* “Trabalha ni que?” mesmo sabendo que é naquilo, aí vai com aquelas história tem dias que até mente: “Ah, trabalho ni tal coisa”, mentira, você vai fazê o que? trabalha ni que? Doméstica.

DOC: É. Eu tenho muito orgulho, porque...eh...acho que não cabe assim, a senhora sabe a minha história de vida, lá em casa como é que é...e ajuda muito...bastante.

PART: Num ajuda o que, pelo amor de Deus, moço.

DOC: Eh...e quando a senhora era mais jovem, a senhora foi trabalhá ni Xique- Xique...depois de São Paulo, a senhora gostava do trabalho da senhora?

PART: Eu amava.

DOC: É.

PART: Toda vida eu gostei de trabalhá, agora falá minha verdade, sô...sô agricultora agora.

DOC: E hoje assim, o quê que a senhora gosta de fazê assim durante o dia?

PART: Em casa?

DOC: Ham-ham.

PART: Ah, eu faço fazê de tudo, *cipalmente* comida.

DOC: Ah, comida, vai petiscando ali um pouquinho.

PART: É, acho que quando vai dá *meo* dia a gente já perdeu a fome.

DOC: Já encheu foi a barriga.

PART: É.

DOC: Né. E se a senhora ficasse rica, acho que você...a senhora [iria doar um pouco pra mim], mas o que a senhora faria se a senhora ficasse rica?

PART: Se eu ficasse rica?

DOC: Ham.

PART: Sempre eu falo e Jesus tá vendo que eu falo a verdade, se eu tivesse condições...ou um dia tivesse condições eu *ajudarra* muitas pessoa.

DOC: É porque.



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

PART: Ajudava.

DOC: Hoje...

PART: Hoje em dia eu falo assim eu num tenho...tenho nada e tenho graças a deus se eu tivé alguma coisa e eu chegá ni alguma casa e eu vê a pessoa com alguma necessidade o que eu pudé eu faço.

DOC: É. Acho que pelo menos da comunidade aqui foi a respostas de maioria das pessoas.

PART: Hum-hum.

DOC: Porque a gente vê a necessidade muito grande. Eh...esse tempo de chuva aí, por exemplo, na Bahia mesmo devastô um monte de comunidade e tal. Eh...as pessoas devem continuá trabalhando? Assim, por exemplo, se eu ficasse rico a senhora acha que eu deveria continuá trabalhando? Ou eu só curtí?

PART: Acho que deveria, porque você vê hoje em dia aquelas pessoa lá fora, quanto mais aqueles que tem condições é o mais trabalha, pois é e você às vez já assim, nem todos né, alguma pessoa assim que nem você vê, aqui *mermo* né?

DOC: Hum-hum.

PART: Se já tivé alguma coisa...tirá alguma coisa d'uma roça já não qué mais trabalhá...já tá rico e você vê os rico quanto mais eles tem que eles trabalha. Quem mais trabalha hoje em dia é quem tem condições.

DOC: E na hora assim de...de lazê o quê que a senhora gosta de fazê? A família da senhora gosta de fazê? Por exemplo, eu tenho um tempo livre...

PART: Hum-hum. Eu *mermo*, aqui em casa a minha família assim quando tá livre ali eles gosta mais é de...{informante ri}

DOC: Dormí.

PART: Dormí de dia. E eu gosto mais é quando eu tô assim, porque às vez eu num gosto de dormí de dia...eu gosto mais assim quando eu ligo a televisão assisto um poquin' eu gosto mais de televisão quando eu tô na hora de folga.

DOC: Mãe de família às *veze* dorme de dia e perde o sono de noite...muita preocupação.

PART: Ah, num gosto não.

DOC: ...muita preocupação

PART: Não gosto.

DOC: Eh, você acha...a senhora acha que a comunidade ela tem opções de lazê, opções pra pessoa se divertí?

PART: Tem...tem muitas coisa pá pessoa se divertí só que às vez tem no lugá e a pessoa não



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

dá é valô...não qué fazê, às vez tem muntha gente que chega no lugá e fala assim: “Bora fazê isso”, as pessoa já...já bota aquele...dá aquele defeito “Ah, pra que isso aqui”. Num pode por isso que às vez o lugá nem páfrente vai. Que nem por *acauso* os mesmo ININT, num dia uma que teve uma reunião aqui lá no prédio né? Aí falando sobre uma academia que ia pôr aqui, aí teve gente que cê precisa de vê as conversa que o povo soltô na hora e eu só fiquei assim olhando, falei: “Pelo amor de Deus, ói como é que vai pá frente?”

DOC: É.

PART: Num adianta, quem tem que fazê o lugá somos nós.

DOC: Eh...a senhora vai muito na casa dos colegas? Dos...dos amigo? Ou só de vez em quando?

PART: Moço, eu gostava muito né? Mas só que aí a gente vai...aparece mais trabalho, aí o tempo da gente vai ficando mais curto, mas quando eu tenho tempo eu gosto de ir.

DOC: Hum-hum.

PART: ININT

DOC: E assim, a senhora torce pra algum time de futebol?

PART: Não.

DOC: Não né?

PART: Time pra mim é aquele que tivé ganhando. {informante ri}

DOC: Mas a seleção a senhora acompanha? Copa do mundo?

PART: Não, eu gostava de acompanhá, mas só hoje em dia virô até sem graça sabe? Depois de algum tempo mudô muito a seleção brasileira.

DOC: E a senhora gosta de assistí televisão?

PART: Gosto.

DOC: E qual tipo de programa assim? De novela?

PART: Não, às vez uma coisa que eu não gosto muito...eu gostava, mas hoje em dia você vê que a gente não tem mais prazê de assistí é jornal. Eu gostava, mas hoje eu não gosto mais, cê assiste um jornal cê não vê mais nada que preste...cê só vê a matação...essas coisa, pelo amor de Deus ficô muntho ruim...é ruim demais para gente.

DOC: Eh...e a senhora tem alguma...alguma religião? Algum...

PART: Graças a Deus.

DOC: A senhora é?

PART: Evangélica.

DOC: E, vem muito...tá terminando já viu? Vem muita gente de fora aqui? Eh...ou só vem moradô daqui mesmo? Eh...se vem gente de fora para cá?



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

PART: Assim, na minha casa?

DOC: Não, pra comunidade?

PART: Ah, vem...vem bastante. Final de ano mesmo aqui graças a Deus é tão bom, gostoso demais.

DOC: Vem o pessoal...a família né?

PART: É, só foi esse ano que terminô que meus filho não veio, mas [um *mermo*] já tá chegando mês que vem.

DOC: Hum-hum, é filho da senhora?

PART: É, tá viajando.

DOC: Ah, e a senhora acha que o jeito de falá daqui das pessoas é diferente de...o jeito de falá?

PART: Ah, lá...lá fora né?

DOC: Ham-ham.

PART: Ah, é diferente demais né?

DOC: Por exemplo, quando gente fala “Aí, uai, sô”

PART: Eu acho diferente né, por *causo* que você vê que lá fora você chega né, até quando você chega assim num lugá logo durante assim três dia cê já sente diferença, às vez cê já conversa alguma coisa errada.

DOC: Hum-hum.

PART: Que a gente *mermo* fala alguma coisa que uma coisa que a gente *mermo* pensa: “Hum, naquilo ali eu tô errada”.

DOC: Eh...e tem...tem...tem um ditado, por exemplo vamo entra parte do ditado agora.

PART: Hum-hum.

DOC: Eh...quando uma pessoa fala pra senhora assim ó: “O risco que corre o pau também, corre o machado” o que que a senhora entende com isso?

PART: Moço eu...eu *mermo* praticamente eu já num sô de falá isso, mas eu *mermo* num entendi não viu?

DOC: Hum-hum.

PART: É, porque né, eu acho uma palavra meia errada e pesada.

DOC: E quando a pessoa fala...eh...´xô vê um ditado que o pessoal fala, quando a pessoa tá correndo risco e tal, ditado ´xô vê: “mata o cachorro, que o gat...que o dono aparece” por exemplo, a senhora já ouviu esse ditado aqui não?

PART: “Mata o cachorro que o dono aparece”?

DOC: Ham-ham.





PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

PART: Não.

DOC: Quando a pessoa tá em conflito no caso né? Por exemplo, quando a gente reclama um vizinho, que um animal entra no quintal da gente e tal, ele vai lá e prende, aí o dono não aparece?

PART: Aparece.

DOC: Então, a senhora...eh...pode dizê alguns dos ditados que o pessoal usa sempre aqui?

PART: Se eu te dizê que praticamente *mermo* nem essas coisa eu lembro mais viu?

DOC: Hum.

PART: Tem uma...esse tipo de coisa mesmo eu num gosto. Toda vida eu nunca gostei.

DOC: De ditado né?

PART: Sim, eu não...tem uns ditado que...tem uns que ainda tê tudo bem, agora tem uns ditado pelo amor de Deus.

DOC: Quando a pessoa fala assim: “Destá meu dedo que minha unha chega”

PART: Pois é, aí, pelo amor de Deus.

DOC: Então, ´xô vê aqui mais nós temos...tamo terminando já. A senhora já falô que foi pra...pra São Paulo...pra Xique-Xique.

PART: Salvadô.

DOC: Né, Salvadô. Eh...quando a senhora foi pr´esses lugá assim, as pessoas percebiam que a senhora era...era daqui da Bahia? Da região do Nordeste?

PART: Não, quando eu fui pá Sõ Paulo, eu foi o primeiro lugá que eu fui né?

DOC: Hum-hum.

PART: Aí as pessoas já percebem né, que chega cê vê que tem aqueles vizin´ que mora perto, quando eu fui...eu fui ficá com minha prima, aí às vez cê já vê e já chega: “Ei. cê trouxe ela da Bahia?”, as pessoas conhece logo né, só que daí vai passando o tempo a gente já vai pegando aquela prática do lugá.

DOC: Hum-hum. Eh...e quando você conhece alguém, por exemplo, a senhora não me conhece...a senhora me conheceu hoje.

PART: Hum-hum.

DOC: Eh...a senhora percebe que eu não sou daqui da comunidade? Do município?

PART: A gente vê logo...cê vê que é diferente.

DOC: Por quais motivos assim?

PART: Por *causo* o que às vez ó, por *acauso* que nem você...que nem a gente tá aqui chega uma pessoa, um [ININT] de Irecê né? Cê já sabe, cê já vê que aquela pessoa não é daqui.

DOC: Hum-hum.





PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

PART: Cê vê é diferente..cê vê até a pele mais diferente...muda bastante.

DOC: E o sotaque assim?

PART: Muda bastante, apois é.

DOC: Tem...tem algum sotaque assim do Brasil que a senhora, diz assim: “Moço, eu acho *mei* chato...*mei* feio”.

PART: É um tal desse “sô”.

DOC: Ah, mineiro.

PART: Ô, *tende* misericórdia.

DOC: O pessoal vai...vai falá ININT.

PART: Agora ´xô te falá, agora o sotaque...o sotaque paulista eu acho lindo...do Rio é bonito demais.

DOC: Rio de Janeiro, carioca né?

PART: É, oxe, pelo amor de Deus, é bonito viu.

DOC: Eu...eu ININT.

PART: O mais que eu gosto é o de São Paulo.

DOC: Eu gosto do Soteropolitano, de Salvadô...eu acho “oxente mainha”...eu não troco meu “oxente mainha” não...

PART: Mas eu te falo assim

DOC: ...mas assim também nunca fui ni outro lugá.

PART: ´Xô te falá assim, foi um lugá que eu fui...passei três mês, mas foi três mês apulso, gostei não.

DOC: De Salvadô? Pois eu tenho desejo de ir lá.

PART: Oh, pois eu não, meu desejo é Rio de Janeiro.

DOC: Hum.

PART: Mas só que hoje devida as coisa que eu vejo ó, num [lembro] mais não.

DOC: Agora a gente vai falá mais da comunidade de novo né? Como a senhora gostaria de vê, por exemplo, hoje a senhora sabe né, das dificuldade, quem tá precisando, questão política também. A gente não vai entrá na questão política. Como a senhora gostaria de vê essa comunidade, por exemplo a dez anos mais para frente?

PART: Não, eu gostaria de vê...eu acho que pra nós, cê sabe que mudô muito aqui eu acho que a necessidade aqui sobre a estrada.

DOC: Hum-hum.

PART: Eu acho que é o que precisa aqui.



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

DOC: Por exemplo, pra na hora de escoá a produção agrícola...

PART: É.

DOC: ...pessoal produz uma mamoinha, um milho, aí saí quebrando tudo.

PART: É, a estrada aqui precisa demais, moço.

DOC: Hum-hum. E de zero a dez assim, uma nota. Qual a nota que a senhora dá para esse povoado? De zero a dez.

PART: De zero a dez? De que vale umas...

DOC: ININT

PART: Ô moço, o que eu queria dá de zero a dez?

DOC: De zero a dez.

PART: Umas nove ININT.

DOC: Nove?

PART: Hum. Valia mais viu.

DOC: E assim a comunidade possui associação? Associação? Se a comunidade tem associação?

PART: Se tem?

DOC: Hum.

PART: Tem.

DOC: A senhora já fez parte? Faz parte?

PART: Já fiz parte, mas hoje faço eu mais não.

DOC: Eh...agora a senhora vai dá uma opinião sobre a comunidade. O quê que a senhora acha da comunidade? INTERRUP

DOC: Então, como eu disse qual a opinião da senhora sobre a comunidade?

PART: Hum

DOC: Que que a senhora acha da comunidade? Que que deve melhorá, quê que...

PART: Pá melhorá aqui?

DOC: Sim.

PART: Eu acho que pá melhorá nós tinha que tê uma estrada boa, porque você vê aqui na hora que chove...cê vê um sacrifício pá gente saí, sobre assim os alunos assim às vez quando chove eles perde aula. Eu acho que o que precisava pá nós aqui era isso, que cê vê [sobre] muitas coisas, mas aqui já melhorô bastante que você vê sobre energia...sobre água.

DOC: De um tempo pra cá né?

PART: Foi...graças a Deus...

DOC: E a senhora acha...



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

PART: ...já tem aquele PS lá num...já tem aquele PS ali, melhorô bastante.

DOC: ...a senhora acha que a prefeitura se...se...se preocupa com a comunidade?

PART: Moço, eu acho que preocupa.

DOC: Eh...tem um...um cuidado né?

PART: Tem bastante, que cê vê sobre aqui, que tem gente que tava falando, cê vê ali no Mato Verde tinha era até colégio, hoje em dia 'xô te falá por aqui por perto onde eu...onde eu ando é o melhó colégio... 'xô te falá.

DOC: É eu acho que em termo de estrutura....

PART: Pelo amor de Deus.

DOC: ...termo de estrutura física.

PART: Oxe, tá sendo o melhó, homi.

DOC: É, num sei na parte da docência.

PART: Cê vê que já vai tê uma crêche aqui que não tinha, já tem aquele posto de saúde ali, já é muito bom. Ali o que faltava também era tê um médico...tem médico ali o dia todo, quando nós precisa também aqui.

DOC: Medicação...remédio.

PART: É...hum-hum...é. Moço, melhorô demais aqui. A coisa aqui era fêa.

DOC: E a opinião da senhora sobre as estradas do município, é as estradas né?

PART: É.

DOC: Canarana...Cafarnaum, quê que a senhora acha dessas estrada?

PART: Uai, sobre as estrada aqui o negócio é...é *fei*.

DOC: Num estado entre boa...média...ruim ou péssima a senhora acha?

PART: Pra mim é péssima.

DOC: A última opção?

PART: É, péssima.

DOC: Então...eh...acho que terminô as pergunta. Senhora...se a senhora querê...eh...abrí o espaço pra mais alguma outra coisa...pra falá sobre a história de vida...algum acontecimento...alguma receita de, por exemplo, eh...a senhora pode ensiná pra gente receita de bolo ou alguma coisa?

PART: De bolo?

DOC: Sim.

PART: Moço, de bolo eu não sou muito boa não, agora fosse comida.

DOC: Frango, pronto, vamo falá de frango. Como é que a senhora faz pra prepará um frango



PROJETO ESTUDOS LINGUÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

caipira?

PART: Prepará um frango caipira?

DOC: Sim.

PART: Não, eu gosto do frango caipira...pá mim prepará ele...eu gosto bem temperadin´...fazê ele mais seco ali com quiabin´ é gostoso demais ou com uma batatinha...bom demais.

DOC: Eh...

PART: Um peixe.

DOC: Peixe, eh...

PART: Um peixinho fresco né?

DOC: Hum-hum.

PART: Cê compra ele...cê fazê...cê tempera a noite *pô* tempero, no outro dia cê *pô* p´assá ali numa palhinha de banana. Moço, é bom demais.

DOC: É bom. Então assim, qual o tipo de comida preferida da senhora assim?

PART: Meu tipo de comida mais preferida? Que eu gosto mais?

DOC: Hum-hum.

PART: Carne?

DOC: Pode sê.

PART: Eu gosto mais assim da carne...carne de porco.

DOC: Carne suína né?

PART: É, carne suína. Comprá ela assim [como o povo fala] com aquele pernil, pode pôr pá assá, avemaria, ´xô te falá aí é bom demais.

DOC: O pessoal assim de...de

PART: O pernil de bode também assim é gostoso demais.

DOC: O pessoal do Nordeste assim, gosta muito da...da buchada. A senhora...a senhora gosta da buchada? Buchada de bode?

PART: Moço, eu...eu como né, mas sou muito fã não. Eu gosto quando eu mermo prepará...pra mim ma...quando eu mato aqui no meu quintal...matá aqui *mermo* pá eu *mermo* tratá.

DOC: Hum-hum. Que aí já...

PART: Pra comprá assim, que nem *** gosta muito de comprá no mercado pronto eu não gosto não, brigo muito mais ele mó disso.

DOC: Porque a gente num sabe também o procedimento né?

PART: Apois é, você vai limpá ali...vai cortá...cê tá vendo tudo mal cuidado, gosto não.

DOC: É então...eh assim, é acho que esgota assim por enquanto o assunto. Se a senhora tivé



PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

mais alguma coisa pra falá, tem não?

PART: Não, mas se você, quem sabe se não vem na sua mente. Cê pensar aí, cê...

DOC: Não.

PART: Se eu sabê explicá eu lhe falo.

DOC: Não. Eh...então eu vou agradecê a senhora né. Acho que tem que termo de livre consentimento, como eu havia explicado pra senhora essa entrevista ela vai sê utilizada pra fins de pesquisa científica né, da Universidade Do Estado da Bahia, pela professora Dayane Moreira...eh...ela que tá coordenando esse projeto. E aí eu gostaria de sabê da senhora se a senhora permite que a gente utilize esse áudio né? Essa transcrição...essa gravação...eh...para esses fins. Eh...tem alguns...alguns...alguns assecuramentos que a senhora tem, é que a gente não pode divulgá o nome da senhora né? A gente cria um código de informante.

PART: Não por causa que às vez assim né...que nem às vez a gente é da igreja. Você mesmo já foi, cê sabe como é né?

DOC: Hum-hum.

PART: Porque tem munthas coisa que num...que num permite, aí sobre assim, que nem uma vez mermo, veio aquele ININT...

DOC: Hum-hum.

PART: ...ele veio aqui e...ele chegô aqui e pediu né, quando nós morava nessa casa aí, até que *** não gostou, ai ele pediu “Ah, não é que tê que fazê uma gravação aqui, vai sê assim..assim...assim”, aí ele fez né...aí só que eu pedi pra ele que não era pra citá meu nome, aí eles foi e colocaram, aí eu já não gostei .

DOC: Hum-hum.

PART: Mas se...num colocando meu nome de por mim pode rolá.

DOC: Então a senhora aceita né?

PART: Aceito.

DOC: Pronto, aí eu vô agradecê.

PART: Hum-hum.

DOC: Em nome de toda a Universidade e de nosso projeto que tá a cada dia mais crescendo né? Eu fico muito feliz que a senhora tê tirado esse tempinho e deu aqui uma hora e dois minutos.

PART: Pois é [ININT]

DOC: O papo...a conversa rendeu bastante.

PART: Mas é bom assim moço.





PROJETO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E HISTÓRICOS DO SERTÃO (ELiHS)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus XVI / Irecê*

Departamento Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT)

